

**AJES- INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA - ISE
LETRAS - PORTUGUÊS/ INGLÊS E RESPECTIVAS LITERATURAS**

PROCESSO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA VISÃO DE MARCOS BAGNO

AUTORA: Ruthnéia Braga de Oliveira

ORIENTADORA: Prof.^a Dr.^a Rosângela Manhas Mantolvani

**JUÍNA-MT
DEZEMBRO-2011**

AJES-INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA - ISE
LETRAS PORTUGUÊS/INGLÊS E RESPECTIVAS LITERATURAS

PROCESSO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA VISÃO DE MARCOS BAGNO

AUTORA: Ruthnéia Braga de Oliveira

ORIENTADORA: Prof.^a Dr.^a Rosângela Manhas Mantolvani

*“Trabalho apresentado como exigência parcial
para a obtenção do título de Licenciatura em
Letras Português/Inglês
e Respectivas Literaturas.”*

JUÍNA-MT
DEZEMBRO-2011

**AJES - INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA - ISE
LETRAS – PORTUGUÊS/INGLÊS E RESPECTIVAS LITERATURAS**

BANCA EXAMINADORA

Prof. Adilson Vagner de Oliveira

Prof^a. Suzana Oliveira Martins

Prof.^a Dr.^a Rosângela Manhas Mantolvani
Orientadora

Dedico às minhas filhas, com amor e carinho,
que souberam me compreender para que eu
conseguisse chegar até aqui ao fim do curso.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus por ter me dado forças e iluminar o meu caminho para que pudesse concluir mais uma etapa da minha vida.

À minha orientadora que foi uma grande amiga, Professora Dr^a. Rosângela Manhas Mantolvani, pelo ensinamento e a dedicação exposta, desde os primeiros momentos que a convidei para me orientar, meu enorme agradecimento por ser esta excelente professora e orientadora.

À minha mãe Teresinha, por todo amor e dedicação que sempre teve comigo, mulher pelo qual tenho maior orgulho de chamar de mãe, meu eterno agradecimento pelos momentos em que estive ao meu lado, apoiando-me e me fazendo acreditar que nada é impossível, pessoa que sigo como exemplo, mãe dedicada, amiga, batalhadora, que abriu mão de muitas coisas para me proporcionar a realização deste trabalho.

Às minhas filhas Thauany Bianca e Eduarda Marcela, por serem tão dedicadas e amigas, pessoas que mais me apoiam e acreditam na minha capacidade, meu agradecimento pelas horas em que ficou ao meu lado não me deixando desistir e me mostrando que sou capaz de chegar onde desejo, sem dúvida foi quem me incentivou para conseguir concluir esse trabalho.

Aos meus irmãos de forma geral, por estarem sempre torcendo e rezando para que meus objetivos fossem alcançados, através de gestos que marcaram e muitas palavras que me ajudaram a chegar até aqui.

E familiares e amigos, por todo o amor que ambos me dedicaram, meu eterno amor e agradecimento.

Enfim, agradeço a todos os meus professores que estiveram durante estes três anos auxiliando e ensinando ao curso de letras, pois sem vocês não seria tão prazeroso como foi concluir este curso, que me apaixonei e prometo que vou me espelhar em todos vocês.

[...] conclusão que tirei
dessa investigação é que,
simplesmente,
o preconceito linguístico não existe.
O que existe,
de fato,
é um profundo
e estranhado
preconceito social
(BAGNO,2003, p.16).

RESUMO

Este trabalho pretende apresentar algumas considerações sobre variações linguísticas. Também procuramos esclarecer o papel que dos professores de Língua Portuguesa têm que desempenhar na aprendizagem da língua portuguesa padrão aos alunos explicando que tem regras para língua oficial falada no território brasileiro. Tem as estratégias de compreensão das diferenças das variações no interior de uma comunidade (professor e aluno) Como dizer para o aluno que ele não está falando longe da norma culta? A língua é considerada correta quando é falada de acordo com padrões considerados cultos (língua – padrão). Nas escolas, os professores ensinam que temos que seguir uma norma padrão: é a língua oficial. No entanto, os alunos vêm com seu próprio vocabulário de acordo com sua sociedade: sexo, faixa etária, cultura, meio geográfico, religião, raça, profissão, família, escolaridade e classes sociais. Mesmo as diferenças nas variações fonológicas do português dos brasileiros têm gerado, na história da língua, uma polêmica sobre quem é que fala a língua corretamente.

Palavra chave: Língua Portuguesa, Variação, Variedade Linguística.

ABSTRACT

This work intends to present some considerations about linguistic variations. We also seek to clarify the role of Portuguese-speaking teachers have to play in learning Portuguese students explaining that standard has rules for official language spoken in Brazil. It has the comprehension strategies to the variation within a community (teacher and student) How to tell the student that he is not talking out of cultural norms? Language is considered correct when it is spoken in accordance with standards considered cults (language - default). In schools, teachers teach that we must follow a standard pattern: it is the official language. However, students come with their own vocabulary according to their society: gender, age, culture, geographical environment, religion, race, profession, family, education and social class. Even the differences in phonological variations of the Portuguese Brazilians have generated in the history of language, a controversy about who is speaking the language correctly.

Keyword: Portuguese Language, Variation, Variety Linguistics

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
O QUE É VARIAÇÃO LINGUÍSTICA?	16
1.1OBJETOS DA LINGÜÍSTICA E SUA FUNÇÃO.....	29
DEFINIÇÃO DE PRECONCEITO LINGUÍSTICO.....	31
ESTRATÉGIAS DE COMPREENSÃO PARA O USO DE FORMAS DAS VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS NA SALA DE AULA.....	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	50
SITES CONSULTADOS.....	52

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1. 21

Figura 2 21

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1.	25
Quadro 2.	26
Quadro 3.	33
Quadro 4.	35

INTRODUÇÃO

A língua portuguesa é falada em vários continentes, a saber, a América, Europa, África e Ásia, tendo sido levada pelo colonizador português a esses recantos do mundo. Trazida para o Brasil, e implantada como língua oficial, ela funcionou como expressão do pensamento dos colonizadores, passando a ser usada como língua oficial, a qual funciona como instrumento de comunicação entre a maioria dos habitantes do território e tem sofrido, ao longo do tempo, muitas transformações, devido aos processos de imigrações, migrações e alterações características da própria língua.

Originária do latim, mais especificamente do latim vulgar, a língua portuguesa disseminou-se em forma variante, como língua romance, na região onde hoje é Portugal e já passou por grandes modificações em sua estrutura, tanto no que se refere à fonética, à morfologia, à semântica e à sintaxe. Por isso, apresenta várias fases, como o galaico-português (língua romance de origem), o português arcaico, o português seiscentista e o português moderno.

No Brasil, a língua portuguesa trazida pelos colonizadores tinha as marcas do português do Seiscento e do Moderno, que sofreu um processo de adaptação, pois foi colocado em contato com outras línguas, a exemplo da Língua Geral, já falada em toda a costa brasileira, cujo suporte era um dialeto do Tupi e, ainda, no contato com as línguas originárias de África, trazidas pelos escravos que trabalhavam nos engenhos de cana-de-açúcar do Nordeste e dos trabalhadores das minas do Centro-Sul do território colonial.

Além do tupi e seus dialetos e variações, a língua portuguesa deparou-se com as alterações produzidas pelas comunidades linguísticas de tronco bantu, e outros originários da África, os quais inseriam termos e utilizavam o português com base estrutural de língua africana.

O português, então, passa a apresentar diferenças em relação à língua falada em Portugal, diferenciando-se a ponto de muitos patrícios considerarem-na como um “dialeto” do português. Ao longo dos séculos, a influência dos imigrantes,

vindos da Itália, Espanha, Alemanha, entre outros países, seria definitiva para que a língua portuguesa apresentasse variações regionais, além das que já se manifestavam tanto no nível semântico quanto no fonológico.

A influência da língua francesa no século XVIII, motivada pela dominação cultural, também modificou alguns fonemas e falares das classes cultas de certas regiões do país, especialmente, a elite do Rio de Janeiro. Certamente que o acesso ao ensino e às leituras e contatos com outras línguas afastou as classes mais abastadas de falares mais populares ao longo dos séculos, até o advento da popularização da educação em meados do século XX.

Falares oriundos de comunidades de imigrantes das primeiras gerações presentes no Brasil também foram registrados por escritores, como se vê, em uma tentativa de registro das variações linguísticas que, mais tarde viriam a acrescentar à língua portuguesa termos e expressões, bem como ritmos que alteravam as formas de falar o português em relação ao da antiga metrópole:

Migna Terra

Migna terra tê parmeras,
Che ganta inzima o sabiá
As ave che stó aqui
Tembê tuttós sabi gorgeá.

(Juó Bananère)

Em uma reflexão feita pelo ilustríssimo linguista Joaquim Mattoso Câmara Junior:

Como quer que seja, as discrepâncias de língua padrão entre Brasil e Portugal não devem ser explicadas por um suposto substrato tupi ou por uma suposta profunda influência africana como se tem feito às vezes. Resultam, essencialmente, de se achar a língua em dois territórios nacionais distintos e separados. (CÂMARA JR., apud TERRA, 1997, p.48)

A língua falada no Brasil ainda é a língua portuguesa trazida pelos colonizadores portugueses, mas com algumas pronúncias e até mesmo com a escrita diferente da língua oficial de Portugal.

Alguns autores literários utilizam na escrita formas das variações em suas obras, mostrando algumas culturas existentes no imenso Brasil.

A Língua Padrão existe e é resultado de uma convenção social, até mesmo sua evolução na história promove uma relação estreita entre a língua e o poder existente no Brasil, estabelecendo o preconceito linguístico na sociedade brasileira.

Saussure, (1970, apud TERRA, 1997, p. 59) deixa bem claro que é a fala que faz evoluir a língua, demonstrando que a variação linguística não pode ser considerada um “erro” simplesmente, mas diversidade linguística, de acordo com aspectos culturais, sexuais, etários, geográficos, profissionais, entre outros.

Este trabalho surgiu a partir do questionamento: como explicar ao seu aluno que ele está usando em sua fala uma norma distanciada da língua culta?

Foi essa problemática inicial que conduziu esta pesquisa, a qual buscou compreender os motivos que levavam as pessoas a pronúncias diferentes e formas de expressão tão variadas, bem como a compreender os processos que colaboravam para que houvesse essas diferenças nos falares das pessoas.

Por isso, o trabalho tem como título *O processo de variação linguística na visão de Marcos Bagno*, o qual trata de uma compreensão mais abrangente, pois existe a necessidade de estudar, analisar e refletir sobre estas variações que estão no cotidiano. Fez-se necessário utilizar vários materiais bibliográficos, de obras de Marcos Bagno e outros que são reconhecidos como ícones dos Estudos Linguísticos.

Procuramos, então, neste trabalho discutir as questões acerca do preconceito linguístico, entendendo as variações como processos de diversidade culturais, inseridas no processo de mudanças característicos da língua portuguesa. No primeiro capítulo, tratamos de discutir o que é variação linguística, seus conceitos, bem como algumas formas literárias que registram essas variações, das quais comentamos em certas partes do texto.

Este trabalho visa mostrar e conscientizar os professores de língua portuguesa no futuro para que as pessoas comecem a encarar a variedade linguística de forma diferente, sabendo lidar com essas situações que amenizarão e ajudarão a lidar com o preconceito linguístico existente dentro e fora da sala de aula de alunos de ensino fundamental e médio.

No capítulo dois tratamos de definir o que é o preconceito linguístico e

mostrar como ele se manifesta em função das mudanças que ocorrem no interior da língua, manifestado pelo uso das variações linguísticas. Assim, o preconceito é abordado e relacionado com os diferentes tipos de casos em que ocorrem, por meio do emprego que os falantes fazem da língua. Neste capítulo, também procurou-se esclarecer os motivos que levam as pessoas e até mesmo professores a tratar este assunto pelo olhar dos grupos culturais dominantes.

Em termos gerais, buscou-se elucidar as formas do preconceito e mostrar o quanto ele é prejudicial e insensato em relação ao próprio sistema da língua em sua evolução ao longo do tempo histórico. Como organismo funcional, é certo que as línguas passam por mudanças e transformações, o que permite que elas organizem novas formas, de acordo com as necessidades de comunicação. Neste sentido, o capítulo dois vem revelar como a língua se manifesta no cotidiano das pessoas.

No terceiro capítulo é discutida a forma de tratamento que os professores devem dispensar aos alunos que apresentam falares com diferentes tipos de variações linguísticas, de maneira que possam oferecer ao aluno o acolhimento necessário para que possa manifestar-se em sua variante, independente do prestígio que ela tenha, seja mais ou menos prestigiada. Assim, a forma-padrão da língua se revela uma entre outras formas a serem empregadas em suas situações de comunicação, tanto no interior da escola quanto em outros ambientes.

Neste capítulo, são sugeridas algumas atividades que possibilitarão aos professores a facilitação da convivência dos diferentes modos de falar no interior da sala de aula, sem que isso gere polêmicas e conflitos, de uma maneira que a sala possa tratar a diversidade linguística e cultural como algo natural, a partir da compreensão dos modos de realização das diferentes falas das crianças e jovens.

O QUE É VARIAÇÃO LINGUÍSTICA?

Variação Linguística de uma língua é o modo pelo qual ela se diferencia, de forma sistemática e coerente, de acordo com o contexto histórico, no qual os falantes dessa língua se manifestam verbalmente. As variações são conhecidas como níveis de língua e são usadas por cada indivíduo de acordo com as diferenças regionais, sociais, etárias, profissionais, sexuais e culturais.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997, p. 26) relatam que as variações linguísticas são as variedades dialetais que a língua portuguesa vem sofrendo desde os primeiros séculos de seu aparecimento, através de imigrações. A variação linguística tem como objeto a língua, que é um produto heterogêneo, múltipla variável que está sempre em desconstrução e em reconstrução, pois a língua se constrói como um processo que não se faz permanente e nunca concluído, sendo uma atividade social, um trabalho coletivo de uma sociedade de falantes podendo ser apresentada em sua modalidade oral e escrita.

Muitos docentes não consideravam as variedades próprias dos grupos sociais dos alunos, trabalhando apenas a norma culta nas aulas de Língua Portuguesa. Há importância em apontar que os PCNs de 1998 relatam o seguinte ponto de vista:

Não existem, portanto, variedades fixas: em um mesmo espaço social convivem mescladas diferentes variedades linguísticas, geralmente associadas a diferentes valores sociais. Mais ainda, em uma sociedade como a brasileira, marcada por intensa movimentação de pessoas e intercâmbio cultural constante, o que se identifica é um intenso fenômeno de mescla linguística, isto é, em um mesmo espaço social convivem mescladas diferentes variedades linguísticas, geralmente associadas a diferentes valores sociais (BRASIL, 1998, p. 29).

Para Bagno (2007, p 37), não são as variações linguísticas que constituem “desvio” ou “distorções” de uma língua homogênea e estável. Ao contrário, a ideia de variação linguística convive com as diferentes normas e falares de qualquer língua. A construção de uma norma-padrão é que representa um controle dos processos de mudança e da variação da língua, segundo o autor.

As variações podem ser do tipo: fonético-fonológicas, morfológicas, sintáticas, semânticas, lexicais, estilísticas e pragmáticas. Lembrando que dentro da sociolinguística existem outros campos que levam até estas variações, as quais podem se originar devido ao sexo, idade, classe social, religião, grau de instrução, etc. de cada um dos falantes da língua.

As variações linguísticas aparecem na obra de Monteiro Lobato, com a personagem Jeca Tatu, cuja publicação em *Urupês* (1946), que dá destaque ao padrão regional da linguagem utilizado pelo habitante do interior paulista: o dialeto caipira. O personagem principal da obra é Jeca-Tatu, morador de um sítio no interior, é solteiro, um caipira assumido, através do qual Lobato faz uma crítica ao homem do campo passivo (o "urupê") e explorado.

[...]

-Ó de casa!

Apareceu a mulher.

-Está sêo Zé?

-Inda agorinha saiu, mas não demora. Foi queimar um mel na massaranduba do pasto. Apeie e entre.

Amarrei o cavalo a um moirão de cerca e entre.

Acabadinha, a Sinh'Ana. Toda rugas na cara – e uma cor... Estranhei-lhe aquilo. [...] (LOBATO, 1946, p. 90).

A variação usada pelo Jeca Tatu é de origem rural, sendo comum em certas regiões do interior de São Paulo e Minas Gerais, além de outros espaços geográficos do país. Muito importante é observar que essa variação é desprestigiada, assim como o papel social exercido pelo Jeca na sociedade.

Algumas palavras que os adolescentes (variação etária) utilizam, com significados diferentes dos dicionários, estão longe da norma culta da língua Portuguesa, mas estão na língua falada. Vejamos algumas delas:

Antenado: ligado, com a percepção mais aguda;

prestando atenção

Azaração: paquerar

Balada: festa

Baranga: mulher feia

Bolado: chateado

Caô: mentira

Filé: garota bonita

Fedelho: criança

Irado: muito bom

Mala: chato

Mané: bobo

Mauricinho: rapaz bem arrumado e "certinho".

A variação linguística é relacionada à heterogeneidade linguística, podendo sofrer alterações, de acordo com a diversidade social, ou seja, conforme os grupos linguísticos que convivem em determinada comunidade. A língua e a sociedade estão sempre entrelaçadas, em que uma influencia a outra. De acordo com Bagno:

É precisamente relacionar a heterogeneidade linguística com a heterogeneidade social. Língua e sociedade estão indissoluvelmente entrelaçadas, entremeadas, uma influenciando a outra, uma constituindo a outra.” (BAGNO, 2007(b) , p. 38).

Manuel Bandeira, em 1930, ao publicar “Evocações do Recife”, na obra *Libertinagem*, já observa que existia uma grande variação linguística pela mistura cultural, pelo advento das grandes imigrações que o Brasil sofreu e ainda vem sofrendo. Através de seu poema, percebemos sua visão sobre as variações linguísticas.

Manuel Bandeira publicou em seu poema um trecho relatando várias oposições entre a fala e a escrita, mostrando alguns usos da variação linguística que, no Brasil, já era utilizada pela sociedade, diferenciada do português europeu.

Evocações do Recife

[...]
A vida não me chegava pelos jornais nem pelos livros
Vinha da boca do povo na língua errada do povo
Língua certa do povo
Porque ele é que fala gostoso o português do Brasil
Ao passo que nós
O que fazemos
? macaquear
A sintaxe lusíada.
[...] (BANDEIRA, 1930, apud. BAGNO, 2007b, p.101)

O poeta declara no poema que a língua falada pelo povo era uma língua desprestigiada não língua culta, mas uma “língua errada”, já que o povo estava adaptando-a ao meio social em que vivia e utilizava essas variações linguísticas, revelada no poema independente da classe social do indivíduo. Além de Bandeira, vários escritores brasileiros já percebiam a existência da variação

linguística que atingia a língua falada. Em uma poesia publicada em 1968, o escritor Carlos Drummond de Andrade, na obra *Boitempo*, com a poesia “Aula de português” fala da situação polarizada do português brasileiro.

Aula de português

“A linguagem
na ponta da língua,
tão fácil de falar
e de entender.

A linguagem
na superfície estrelada de letras,
sabe lá o que ela quer dizer?

Professor Carlos Góis, ele é quem sabe,
e vai desmatando
o amazonas de minha ignorância.
Figuras de gramática, equipáticas,
atropelam-me, aturdem-me, sequestram-me.

Já esqueci a língua em que comia,
em que pedia para ir lá fora,
em que levava e dava pontapé,
a língua, breve língua entrecortada
do namoro com a prima.

O português são dois; o outro, mistério.”

(BANDEIRA, 1930, apud. BAGNO, 2007 p.102)

O principal foco do autor é a língua cotidiana, falada no convívio familiar, posto em confronto com as diferenças da língua aprendida em sala de aula. Ele revela uma relação do professor com aluno, ao aplicar a metodologia em sala de aula, cujo autoritarismo dominou por muito tempo as escolas brasileiras.

Entretanto, as intenções desses escritores são de despachar para as escolas os métodos que são tidos como “eficazes”, para que os alunos aprendam a norma culta, para que saibam em quais situações podem utilizar essa variação linguística e que perceber que nas escolas a norma culta é a mais utilizada, assim como em vários outros locais. Também é preciso que percebam que o uso de certos padrões podem variar de acordo com o receptor da mensagem, ou seja, dependendo da pessoa a quem se dirigem.

A variação linguística também pode ser utilizada sempre que o falante sentir-se à vontade em um ambiente que favoreça o uso dessa modalidade

linguística, mas deve saber que existe uma norma culta e que a língua portuguesa tem regras e normas gramaticais a serem seguidas, levando à maior uniformidade e permanência das estruturas nossa própria língua.

As escolas devem valorizar e utilizar a norma culta da língua portuguesa, mas têm que conhecer a realidade e a cultura predominante ou a diversidade da sociedade em que vive. A língua padrão, para Bagno, apresenta as seguintes características:

Ela tem palavras eruditas, mais termos técnicos, e um vocabulário maior, e mais diversificado. Tem também construções sintáticas consideradas de bom gosto, expressões eruditas que servem de modelos para serem imitados e metáforas clássicas que dão um ar nobre à linguagem. (BAGNO, 2005 p.23).

Pode-se dizer que as variedades linguísticas se tornam tão cheias de recursos quanto a língua culta, ou seja, as variantes atingem suas funções comunicativas. E, ainda, é possível afirmar que variação linguística não é exclusividade dos falantes não escolarizados, uma vez que se nota na fala de diferentes indivíduos algum tipo de variação, como confirma Bagno:

Não se deve levar ninguém a supor que os fenômenos variáveis e mutantes só ocorrem na língua dos falantes rurais, sem escolarização, pobres etc. Eles também ocorrem na língua dos falantes cultos, urbanos, letrados etc.. (BAGNO, 2007, p.74)

A variação linguística não é, então, uma exclusividade dos falantes não escolarizados, uma vez que é possível perceber na fala individual de cada falante variações de outra ordem, relativas à idade, ao sexo, ao meio cultural.

Além dos poetas e de Lobato, outros artistas têm lutado contra o preconceito linguístico no Brasil, a exemplo criadores de histórias em quadrinhos. Um bom exemplo é o autor da história da Turma da Mônica, Maurício de Sousa e sua equipe, os quais trazem ao seu público leitor parte desta grande diversidade linguística existente no Brasil, em que algumas de suas personagens representam certa diversidade cultural e linguística presente no contexto brasileiro.

A linguagem utilizada nas histórias de Chico Bento mostra que o protagonista é o típico caipira do interior, revelando também a sua cultura, como o menino que mora na roça, conversa com os animais e gosta da natureza, e sua fala desprestigiada, pois encontra-se distanciada da norma socialmente culta.

Vejam os dois quadros (fig.1) da Turma do Chico Bento, onde ele está conversando com seu primo Zé Lele, em seguida, a segunda tira onde o Chico Bento está conversando com sua professora.



SOUZA, M. de. "Chico Bento". *O Globo*. Rio de Janeiro: Segundo Caderno, 19 dez. 2008, p.7.

Na figura 1, Chico Bento conversa com seu primo Zé Lele; sua conversa é reproduzida como fala "caipira", usando a grafia **num**, com o sentido de "não", **faiz**, por "faz" e **arguma** por "alguma", de maneira que delimita uma variação linguística regional e rural.

Figura 02



Copyright © 2002 Mauricio de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados.

6614

SOUZA, M. de. "Chico Bento". *O Globo*. Rio de Janeiro: Segundo Caderno, 19 dez. 2008, p.7

Na segunda tira (fig. 2), Chico aparece conversando com sua professora, sua fala representa novamente uma variante linguística, mas em seu diálogo, consegue transmitir o recado, o qual é entendido mesmo com o uso de uma forma linguística distanciada da norma culta da língua portuguesa “fessora”, “ai”, “mi”, “castigá”, “pur”, “arguma”, “qui”, “num”, “inda”, “pruque”. Mas desde quando é exclusividade das pessoas rurais pronunciarem esta grafia? Temos no Brasil inteiro indivíduos que utilizam estas pronúncias, pois, independentemente de classe social, fazem uso da mesma variação linguística.

É importante ressaltar que, mesmo destacados líderes populares, como o ex-presidente da República brasileira, Luiz Inácio Lula da Silva, em entrevista ao SBT – Sistema Brasileiro de Televisão -, durante a campanha presidencial de 1989, em um programa de auditório, o então candidato falou a artistas sobre suas propostas, fazendo uso de variação linguística. Observe o trecho:

“/Silvio primeiru eu queria cumprimentá você segundu eu queria cumprimentá o auditóriu e cumprimentá o telespectadores porque eu achu muintu importanti o momentu políticu qui estamos vivendu. ? um momentu qui por mais qui as pessoas não goste di política dipois di trinta anus essi é o momentu mais rico qui nossu povo está vivendu e é importanti que as pessoas saibam tirar proveitu dissu analisandu cada candidatu./” (LULA, SBT, 1989)¹

As linguagens são coerentes e usam formas diferentes de realização por meio das palavras, uma vez que variam no espaço geográfico e cultural de cada indivíduo. Os encontros das pessoas de diversas regiões do Brasil são constantes, quando aparecem expressões linguísticas bastante diferentes.

Existem múltiplos fatores que originam as variações linguísticas, as quais recebem diferentes denominações:

Dialeto é a variedade regional de uma língua. Para Luiz Carlos Cagliari (2007), o dialeto não é simplesmente um uso errado no falar, mas sim uma maneira diferente de pronunciar:

“um dialeto não é simplesmente um uso errado do modo de falar do outro dialeto. São modos diferentes. [...] que os falantes estabelecem a

¹ Extraído de <<http://www.youtube.com/watch?v=pzXVFy9QZkU>> e transcrito grafematicamente por Juliana Fogaça Sanches Simm e Letícia Jovelina Storto.

ordem das palavras livremente, dizendo algo como: “*prantá vai arrois nós*” ou “*plantar vamos arroz nós*”, pois esse modo de organizar as palavras em sentenças foge às regras de ambos dialetos.” (CAGLIARI, 2007, p. 19).

Socioletos representam variações faladas por comunidades socialmente definidas;

Idioletos são as variações particulares, isto é, representam vocabulários especializados;

Etnoletos são as variações para que representam as falas um grupo étnico;

Ecoletos são os idioletos adotados por uma casa.

São constantes as diferenças existentes na linguagem dentro da mesma comunidade de falantes. Voltamos às mesmas diferenças do início do capítulo, como as constantes diversidades dentro de uma mesma área geográfica, resultantes das diferenças sociológicas, tais como educação do indivíduo, sua profissão, grupos com os quais convive e sua própria identidade. Estes elementos exteriores interferem no ritmo e na modelagem da fala de um indivíduo.

Os meios de comunicação de massa, ou massmedia, constituem fenômenos que, de certa maneira, oferecem a oportunidade de conhecimento dos diferentes falares do Brasil, pois veiculam as diferenças das falas regionais, principalmente em programas populares da TV, em que apresentam pessoas de diversos lugares do Brasil: nordestinos, sulistas, nortistas, paulistas e etc.. Por outro lado, o uso da norma culta por alguns apresentadores de jornais televisivos permite que falantes de diversas partes do país tenham acesso a essa norma que não lhes soa muito familiar na fala.

No tocante à divulgação das variações sociais e regionais, a música brasileira tem nos oferecido alguns clássicos em que os usos dessas variantes desprestigiada propagaram-se com sucesso entre o público, chegando mesmo a tornarem-se, algumas delas, clássicos da música popular brasileira, como é o caso de “Samba do Arnesto”, do paulista Adoniram Barbosa.

Esta música de Adoniram Barbosa traz em sua composição parte de

alguns usos de uma variação linguística muito usada, que já acontecia na cidade de São Paulo, em que ele propõe perceber quanto a língua portuguesa se diversifica na boca do falante. Ele percebe, principalmente, que é uma variação que pessoas com pouco ou nenhum estudo, geralmente, que utilizam essa fala:

Samba do Arnesto

O Arnesto nos convidou pra um samba, ele mora no Brás
 Nós fumo e não encontremo ninguém
 Nós voltemo com uma baita de uma reiva
 Da outra vez nós num vai mais
 Nós não semos tatu!
 No outro dia encontremo com o Arnesto
 Que pediu desculpas mais nós não aceitamos
 Isso não se faz, Arnesto, nós não se importa
 Mas você devia ter pnhado um recado na porta
 Um recado assim ói: "?!i, turma, num deu pra esperá
 Aduvido que isso, num faz mar, num tem importância,
 Assinado em cruz porque não sei escrever,
 Arnesto"...] (BARBOSA, 1950)

Observe que o bilhete de Arnesto não deveria ser assinado com letras, mas com cruz, porque ele não sabe escrever. Assim, o modo de falar mostra-se distanciado da norma culta, uma vez que esta representaria uma proximidade maior com a escrita preconizada pela norma padrão.

Parece difícil perceber que no uso da norma culta haja também um distanciamento entre as normatizações gramaticais e a obediência dos falantes em seguir tais normas. O uso dessa norma mais prestigiada, por diversas razões de ordem política, econômica, social, cultural, etc., é reservada a algumas pessoas no Brasil, talvez porque haja uma discriminação implícita nos fatores, a qual a música de Adoniran Barbosa traz.

Em uma explicação, Marcos Bagno (2007, p.122) relata que o primeiro verso da música: "*O Arnesto nos convidou/ pra um samba, ele mora no Brás/nos fumo e não encontremo ninguém...*", o pronome oblíquo *nos*, é pouco usado no português brasileiro contemporâneo falado, mas é utilizado nos ditados populares dos falantes.

Outros usos muito populares e conhecidos podem ser percebidos na pronúncia da música, onde "nos fumo", "encontremo", "vortemo", "nós num vai

mais”, “reiva”, “ponhado”, etc. constituem variações sociais e regionais.

Assim, a conclusão que Marcos Bagno, em relação ao emprego das palavras do Chico Bento e as do samba de Adoniran, é que:

As opções gráficas empregadas no Chico Bento, nos sambas de Adoniran [...] têm como única finalidade criar uma atmosfera peculiar, inserir o leitor/ouvinte num universo social e cultural diferente daquele que vem convencionalmente representado pela ortografia oficial. (BAGNO 2007, 123)”

Adoniram Barbosa foi um militante em prol da divulgação da norma desprestigiada pela sociedade, usada pelas classes menos favorecidas ou pelos imigrantes que não dominavam a norma urbana culta -NURC.

O artista divulgou por meio de suas composições as formas de variações linguísticas muito usadas pelas pessoas em diferentes grupos sociais, tendo a ousadia de publicá-las, suplantando o preconceito e divulgando o uso da fala de diversas comunidades paulistanas.

"Saudosa Maloca" (Adoniran Barbosa)

Si o senhor não "tá" lembrado
Dá licença de "contá"
Que aqui onde agora está
Esse "edifício arto"
Era uma casa véia
Um palacete assobradado
Foi aqui seu moço
Que eu, Mato Grosso e o Joca
Construímo nossa maloca
Mais, um dia
Nóis nem pode se alembra
Veio os homi c'as ferramenta
O dono mandô derrubá
[...]

Disponível em:(<http://letras.terra.com.br/adoniran-barbosa/43969/>)

Nos versos da letra da música, é possível perceber as mudanças fonético- fonológicas que dão um tom popularesco e ritmado à música, assegurado pelo ritmo do samba, tanto que essa música tornou-se um dos clássicos da música popular brasileira e é cantada em lugares públicos por muitas pessoas. Enquanto divulga a maneira das pessoas comuns falarem, ele

articula um discurso sobre as formas de ocupação da cidade, em que os que possuem maior poder econômico desalojam os que não têm onde viver. Retrato da capital paulistana na primeira metade do século XX, a letra da música mostra também mudanças na estrutura sintática, utilizadas até os dias atuais. Foi elaborado um quadro para melhor visualizar esses fenômenos linguísticos que já ocorreram também na mudança do latim vulgar para as línguas-romance e continuam a acontecer na língua portuguesa:

Quadro 1.

Norma Urbana Culta – Gramática Normativa	Fenômeno linguístico Rotacismo
Variação	
Alto	Arto
Mudança fonético-fonológica	Transposição por vocalização de <u>lh</u> em <u>i</u>
Velha	Veia
Mudança Fonético-fonológica	Metaplasmo por supressão de <u>r</u> final regressão.
Contar	Contá
Lembrar	Alembrá
Derrubar	Derrubá
Mudança fonética fonológica	Supressão de s plural, com o plural marcado na flexão da primeira pessoa plural.
Chegaram com as Ferramentas.	Chegaro co'as ferramenta.
Construímos nossa maloca.	Construimo nossa maloca.

(baseado em CARVALHO e NASCIMENTO 1969, p.38)

Comunidades diversificadas, vivenciando experiências diferentes, terminam por levar os respectivos sistemas linguísticos variados a cada indivíduo, utilizando alguns meios como: léxico (pode ser definido como o acervo de palavras de um determinado idioma: todo o universo de palavras que as pessoas de uma determinada língua têm à sua disposição para expressar-se, oralmente ou por escrito, por fim o vocabulário),

morfológico (é o estudo da estrutura, da formação e da classificação das palavras, é a gramática) e sintático (estuda os sentidos das frases e das palavras que a integram). A variação linguística é fato indiscutível, de acordo com a nova norma gramatical. A maioria dessas mudanças ou alterações da língua originam-se de formas gradativas, desde o nascimento do latim, onde ocorreram várias mudanças como:

Quadro 2.

Étimo Latino	Português
Plaga	praga
Plicare	pregar
Plumbu	prumo
Obligare	obrigar
ecclesia	igreja
blandu	brando
fluxu	frouxo

(BAGNO, 2007 p.217)

A transformação do **l** (éle) entre uma consoante e uma vogal em **r** (erre) não consiste em novidade entre as mudanças fonético-fonológicas sofridas pela língua portuguesa, de acordo com os exemplos acima, quando já aconteceu esse processo do latim para o português. Esse fenômeno é conhecido como rotacismo.

O latim é a língua-mãe do português, que veio de Portugal e aqui o modificamos até o chamado “abrasileiramento”, fazendo uma constante construção e desconstrução da língua até os dias atuais.

Na sociedade em que vivemos, a língua se revela essencial em cada uma de nossas atividades individuais e coletivas, verbais e não verbais. A língua e a linguagem são processos comunicativos do ser falante. As línguas se cruzam, se influenciam e se modificam incessantemente, acompanhando o movimento de transformação do ser humano e suas formas de organização social.

A maioria dos indivíduos aprende a língua na comunidade em que vive. Para Cagliari (2007, p.19), quando uma criança vai pela primeira vez à alfabetização ela já tem um longo caminho percorrido em seu convívio, utilizando

e desenvolvendo a compreensão da linguagem, a qual ele usa em seu contato familiar e com as demais pessoas da comunidade.

O autor também observou que nem todos os falantes da mesma comunidade falam exatamente iguais, e até mesmo dentro da família, fala-se de modo diferente. Isso ocorre por diferentes razões: porque a pessoa vem de outra região, por ser mais velha ou mais jovem; possuir menor ou maior grau de escolaridade; por pertencer a classes sociais diferentes. Essas diferenças no uso da língua constituem as variedades linguísticas.

Quando estamos aprendendo uma língua, o processo ocorre gradualmente, pois aos poucos vamos adaptando o nosso aparelho fonador para produzir sons que se tornam em palavras, frases e textos inteiros e vamos nos apropriando do vocabulário e das leis combinatórias da língua.

O fenômeno da “variação linguística” esteve presente em todo o momento da formação e da estruturação de nossa língua, nos quais tivemos e temos mudanças renovadoras da língua sempre, ou melhor, diariamente em nosso cotidiano.

A variação linguística é um “estranhamento” de uma sociedade. Assim, a música expressa esse estranhamento com perfeita naturalidade, como se vê pela recolha de Paulo Vanzolin, da canção folclórica “Cuitelinho”:

Cuitelinho

Cheguei na beira do porto
Onde as onda se espáa
As garça dá meia volta
E senta na beira da praia
E o cuitelinho não gosta
Que o botão de rosa caia, ai, ai
Ai quando eu vim
da minha terra
Despedi da parentáia
Eu entrei no Mato Grosso
Dei em terras paraguaia
Lá tinha revolução
Enfrentei fortes batáia, ai, ai
[...] (VANZOLINI, 1970)²

²

VANZOLINI, P. In: <http://letras.terra.com.br/paulo-vanzolini/474037/>

Esta canção é do nosso folclore musical, sendo Paulo Vanzolini (pesquisador musical e compositor) quem a recolheu por meio de pesquisa oral.

Tem-se nesta letra de música um caso clássico de leísmo, quando o fonema **lh** toma forma do fonema **i**.

espalha > espáia

parentalha > parentáia

batalha > batáia

E, ainda, um caso clássico de Rotacismo, que acontece na língua portuguesa quando o fonema **l** toma forma do fonema **r**.

volta > vorta

Há, ainda, a marcação do plural das palavras apenas no determinante, como se vê em:

[...] **as** ondaø se espáia.

As garçaø

Ou apenas no nome (substantivo) como em:

[...] em **terra~~s~~** paraguaiaø.

O rotacismo, entre estas outras modificações, interferiu na formação da língua padrão, porém hoje é discriminado, como se fosse algo muito estranho à língua. Assim, conforme Bagno (2007, p. 42), o “problema” não está no que se fala, mas na pessoa que fala. Dessa forma, o que está sendo discriminado não é a língua, mas sim o falante dessa língua.

Bagno (2005, p.15) nos mostra que “o português não-padrão não é algo errado, ridículo, é só diferente”. Essa linguagem só é considerada inadequada quando comparada às regras da gramática normativa, usadas na fala da norma urbana culta, um modo de falar convencionado pelas elites.

Afastado de qualquer comparação, a norma desprestigiada também atende a regras, como se tem demonstrado que, na verdade, confrontam as normas da língua escrita e ainda, muitas das formas de expressão da norma culta. Como opositora de um sistema linguístico que procura hegemonia, a norma desprestigiada presta-se à formação de identidades que não se enquadram no grupo cultural dominante.

1.1 OBJETOS DA LINGUÍSTICA E SUA FUNÇÃO

O fundador da linguística moderna é Ferdinand Saussure, que trouxe novos caminhos para a linguística, estudando o objeto da linguística que é a língua em oposição à fala. Ele é o fundador da linguística enquanto ciência que estuda língua como objeto.

Saussure definiu a língua como sistema, sendo necessário eliminar-se dela tudo o que fosse estranho ao sistema.

Ele organizou o estudo da língua sobre dois eixos: o sincrônico e o diacrônico. No espaço da sincronia, o estudo da língua como sistema obedece aos ditames de um corte temporal, abordando todos os fenômenos que são concomitantes àquele momento histórico. Por outro lado, o eixo diacrônico trabalha com as mudanças propostas pela língua no decorrer do tempo histórico. Este é um trabalho mais voltado à filologia.

A linguística interna sincrônica trata do estudo da fonologia, da morfologia, da sintaxe e da semântica, produzido por meio de um “corte temporal”, ou seja, em um momento histórico determinado.

Faz-se necessário reconhecer a diferença da concepção de linguagem e de língua. Linguagem é o uso que cada falante faz de uma língua, utilizado para a interação entre os indivíduos, enquanto constitui a subjetividade. A língua é viva, dinâmica e heterogênea. E sofre mudanças ao longo do tempo.

O objeto da linguística é a língua(gem) falada, e os linguistas têm vários meios de definir sua função e o modo de explicá-los. A língua é uma forma particular de linguagem, que pode ser transcrita graficamente, por um povo comum, uma nação, um grupo e que constitui o seu instrumento de comunicação, sendo um sistema de signos vocais. A fala, ou discurso, constitui o momento em que a língua está sendo usada por um indivíduo, posta em movimento, quando se faz uso dos sons, palavras e algumas de suas regras gramaticais da língua.

É importante considerarmos o fato de que a língua possui diversas variantes e que qualquer indivíduo pode aprender esta ou aquela para usá-la em seu convívio social. Ter o domínio de diversas variantes e fazer permutas entre

elas, de acordo com a necessidade social do falante, enriquece o conhecimento sobre sua própria língua.

As linguagens variam também de acordo com o padrão popular e familiar, os quais fazem uso de vocabulário e sintaxe simples e pouco variados. Nestes padrões, usa-se um vocabulário muito próprio, recorrendo por vezes a faixas etárias, profissões, regionalismos, gírias, às vezes distantes da norma culta.

DEFINIÇÃO DE PRECONCEITO LINGUÍSTICO

A sociedade em geral tem se esforçado para livrar-se de vários preconceitos existentes, sejam eles raciais, de gênero, opção sexual, étnicos e outros. Enfim, todos estes preconceitos são desumanos e desagradáveis, tornando-se prejudiciais à convivência entre os homens, podendo ser instrumentos de manipulação ideológica.

Bagno (2007, p.13) relata que “o preconceito linguístico fica bastante claro numa série de afirmações que já fazem parte da imagem (negativa) que o brasileiro tem si mesmo e da língua falada por aqui”. Esta observação de Bagno leva-nos a perceber que as propagandas de televisão, dos rádios, as colunas de jornais e revistas que estão sempre enfatizando suas falas como “certa” ou “errada”ⁿ promovem, de certa maneira, um preconceito linguístico-social.

A educação não reconhece que o português falado no Brasil é diversificado, como se fosse um fato comum, nas escolas os próprios alunos percebem esta diversidade existente na língua falada, às vezes causando um enorme preconceito social, ou sendo vítima dele, desde seus primeiros anos na escola. Este preconceito, muitas vezes, pode originar situações problemáticas como bullying, criando vítimas e abusadores em sala de aula e fora dela, tudo devido às pronúncias ou sotaques usados na comunicação.

Em nosso país, há grande diferença de classe social e isto explica o verdadeiro abismo linguístico entre os falantes, ao utilizar a língua padrão, sabendo que a maioria dos brasileiros utilizam-se de uma ou outra modalidade linguística. Pessoas com pouca instrução usam variantes afastadas da norma culta, simplesmente por uma questão que nem sempre é linguística, mas sim social e política, pois, geralmente, o falante pertence a uma classe desprestigiada e vista por muitos como marginalizadas. Sabendo que são simplesmente as diferenças da língua ensinada nas escolas e tendo a certeza de que o maior problema não é “o que fala”, mas sim o preconceito existente na sociedade.

Como se pode ver o preconceito está impregnado na mente das pessoas, onde elas se deixam ser dominadas, refletindo em um enorme preconceito na sociedade, pois há, primeiramente a necessidade de conscientizar a todos que a

diversidade linguística existe e está inserida na sociedade, não importa qual seja ela. Existe o preconceito que a própria pessoa reproduz em si mesma, vendo-se inferiores aos demais indivíduos. Os próprios brasileiros falam que é complicadíssimo falar a língua portuguesa e utilizar as palavras na hora certa.

O teórico Paulo Freire descreve que a escola é o local onde se promove a cultura e o conhecimento da sociedade sem que haja uma discriminação da língua falada. “a participação popular na criação da cultura e da educação rompe com a tradição de que só a elite é competente sabem quais são as necessidades e interesses de toda a sociedade.

A escola deve ser também um centro de irradiador da cultura popular, à disposição da comunidade, não para consumi-la, mas para recriá-la sob o olhar de Paulo Freire, “o filho do trabalhador deve encontrar nesta escola os meios de autoemancipação intelectual, independentemente dos valores da classe dominante.” (FREIRE, 1991, p.16).

E no período escolar que as crianças recebem informações sobre outros povos e outras culturas, muitas vezes sendo o único momento em que tomam contato com culturas diferentes. Sabemos que o livro didático e a figura do professor constituem uma autoridade para os discentes, onde se dá a importante abordagem sobre o preconceito linguístico em sala de aula, é impossível não perceber que no Brasil existe uma enorme diversidade de culturas e linguagens. Formando cidadãos, temos que evitar e conscientizar que a variação linguística não um “erro” e sim uma diversidade linguística.

Afinal, no Brasil se fala uma mesma língua, temos dialetos os usos da língua que variam em determinado lugar, regiões e algo mais. Não podemos esquecer que é evidente e claro que existem variações desse português falado no imenso Brasil. Não é unicamente pelo fato do Brasil ser um país extenso geograficamente que existe esta diversidade, mas sim por ser um país com uma sociedade com diversas culturas, misturas étnicas, diferentes níveis de escolaridade e diferentes classes sociais, entre outros fatores. Através destas variedades percebe-se que se torna impossível que todos falem exatamente igual. Marcos Bagno (2007a, p.16), relata que são essas diferenças de classe social explicam a existência do embate criado em torno dos falantes das

variedades linguísticas não-padrão e os falantes da variedade culta.

O preconceito é visto sempre em relação às classes desfavorecidas que nem sempre tem instrução escolar, nem contatos com dicionários e livros didáticos ou acesso a gramáticas. O preconceito se faz presente, ainda, quando as pessoas transformam o L em R nos encontros consonantais como “Fravia”, “prano”, “pobrema” e muito mais. Muitas destas pessoas são discriminadas, chamados ainda de deficientes linguísticos, e alguns consideram que elas têm atraso mental. Além destas palavras, temos vários e vários tipos de palavras e expressões em que a língua portuguesa varia. Algumas podem ser vistas no site da *Uol Educação*, no quadro inserido no artigo que mostra algumas variantes em que há variações, trocas de fonemas, as quais os brasileiros utilizam, língua portuguesa em seu cotidiano:

Quadro 3.

METAPLASMA E MUDANÇAS MORFO-SINTÁTICAS NA ORALIDADE

Uso de “r” pelo “l” em final de sílaba e nos grupos consonantais:

planta > pranta
bloco > broco

Alternância de “lh” e “i”: (Vocalização de consoante líquida)

mulher > muié
velho > véio

Tendência a tornar paroxítonas as palavras proparoxítonas:

árvore > arve
fígado > figo

Redução de ditongo (supressão de vogal de ditongo):

caixa > caxa
peixe > pexe

Marcação do plural somente no *Determinante* ³:

as meninas > as menina.

Ausência de concordância verbal quando o sujeito vem depois do verbo:

Marcação do plural somente no *Determinante*.

Chegaram duas crianças > chegouø duas criançaø

³ Esse sentido de Determinante está de acordo com Chomsky, 1960.

Uso do pronome pessoal tônico em função de objeto (e não só de sujeito):

Nós o pegamos na hora > Nós pegamos ele na hora

Assimilação do “ndo” em “no”

falando > falano

Ou do “mb” em “m”

também > tamém

Desnasalização das vogais postônicas: (Supressão de consoante final)

homem > home

Redução do “e” ou “o” átonos:

ovo > ovu Fenômeno comum e antigo da língua
bebe > bebi

Redução do “r” do infinitivo ou de substantivos em “or”:

amar > amá
amor > amô

Simplificação da conjugação verbal:

eu amo > amo
você ama > ama
nós ama > nós amaø
eles ama > eles amaø

Disponível em(<http://educacao.uol.com.br/portugues/variacoes-linguisticas-o-modo-de-falar-do-brasileiro.jhtm>)

Algumas destas mudanças fonético-fonológicas ocorrem há muito tempo na língua portuguesa, muitas desde séculos passados, na transição do latim vulgar para o português, tanto que o poeta brasileiro Oswald de Andrade, em 1922, ressalta e expressa a busca da “língua brasileira”, talvez um tanto diferenciada, mas ainda a mesma língua vinda de Portugal, o poeta em seu poema modernista “Vício na fala”, procura demonstrar como é a língua falada mais simplesmente popular do Brasil:

Vício na fala

Para dizerem milho dizem mio
Para melhor dizem mió
Para pior pió
Para telha dizem teía
Para telhado dizem teiado
E vão fazendo telhados.
(ANDRADE, 1925)

O quadro abaixo enfatiza a mudança de lh em j que a língua portuguesa falada vem sofrendo há muito tempo, considerados como “erros” de pronúncias e gramaticais em que as palavras mostram uma das mudanças linguísticas usadas em muitas variações linguísticas observadas na língua portuguesa.

Observe a tabela a seguir:

Quadro 4.

Norma padrão gramatical		norma da variação linguística
Milho	>	Mio
Telha	>	teia
Telhado	>	teiado
Melhor	>	mió
Pior	>	pió

(baseada em CARVALHO e NASCIMENTO, 1969)

Discriminar estes falantes porque usam palavras variantes às do português padrão não representa uma defesa dos valores da língua portuguesa, mas a criação de um preconceito que os faz ainda mais excluídos dos círculos sociais que podem oferecer a norma culta padrão.

Este preconceito não se ordena sobre uma questão propriamente linguística é, no entanto, um fato social e político. Muitas dessas pessoas que falam usando estas variações às vezes não tiveram oportunidade de educação de qualidade, às vezes não tiveram a oportunidade de contato com estas formas, mas há outros fatores que interferem. A fala de qualquer aluno vista desta maneira não necessariamente precisa ser considerada desagradável e nem ridícula, uma vez que se organiza como a norma padrão gramatical sobre regras, porém regras diferenciadas das que são ensinadas nas gramáticas normativas das escolas.

Stella Bortoni-Ricardo (2005, p. 26), faz uma explanação sobre as diferenças essenciais entre as variedades linguísticas desprestigiadas e a língua portuguesa padrão:

A língua–padrão relacionada à classe ou status é definida como a variedade de fala que tem maior prestígio, independentemente do contexto e que caracteriza um grupo social, geralmente o de *status* socioeconômico e cultural mais alto. (BORTONI-RICARDO, 2005, p.26).

O preconceito não é linguístico, mas sim, social, pois as classes sociais mais elevadas têm um padrão mais sofisticado de fala porque se aproxima de certos modos formalizados em livros ou veículos oficiais de divulgação mediática, ou até mesmo mais próximo da norma culta.

Bagno ressalta estas palavras, alertando que o preconceito linguístico não existe, mas que há, sim, um outro tipo de preconceito em seu lugar, que é muito definido e antigo na sociedade, o social:

a principal conclusão que tirei desta investigação é que, simplesmente, o preconceito linguístico não existe. O que existe, de fato, é um profundo e entranhado preconceito social. Se discriminar alguém por ser negro, índio, pobre, nordestino, mulher, deficiente físico, homossexual etc. já começa a ser considerado “publicamente inaceitável” [...], fazer essa discriminação com base no modo de falar da pessoa é algo que passa com muita “naturalidade”, e a acusação de “falar tudo errado”, “atropelar a gramática” ou não saber português” pode ser proferida por gente de todos os aspectos ideológicos. (BAGNO, 2003, p. 16)”.

A realidade sociolinguística é que a maioria das classes consegue entender, e não só codificar uma fala, de maneira que a fala do “outro”, trazendo uma naturalidade individual, só pode acrescentar saberes ao universo do ouvinte. Sabe-se, no entanto que cada indivíduo possui uma identidade vocal.

a imagem de uma língua única, mais próxima da modalidade escrita da linguagem, subjacente às prescrições normativas da gramática escolar, dos manuais e mesmo dos programas de difusão da mídia sobre “o que se deve e o que não se deve falar e escrever”, não se sustenta na análise empírica dos usos da língua. (BRASIL, 1998, p. 29)

Faz-se necessário estar atento ao fato de que mesmo os falantes mais instruídos, cujos enunciados se sustentam sobre o uso da norma escrita padrão, na fala, não concretizam exatamente as regras propostas pela convenção normativa, antes apresentam também variações, de acordo com uma série de citações de autoridade usadas neste trabalho.

Dessa maneira, é preciso compreender que não há um dialeto melhor ou

um dialeto pior, uma norma mais importante e outra menos importante, que uma é pior para comunicar-se que outra, de forma que as variantes podem ser consideradas exclusivamente em suas regularidades e regras próprias, por meio de uma Gramática Descritiva e em seu funcionamento e aplicação, sempre vislumbrando uma maior adequação de fala.

Todas as variantes podem ser usadas, sempre que o seu falante possa ser compreendido no processo de comunicação e possa, por meio dela, expressar seus pensamentos, sua subjetividade, e sua existência material, o que o tornará tão importante quanto o outro falante. Que possa ser ouvido e compreendido sempre que se fizer necessário, e , assim, a norma que ele usa estará atendendo plenamente a função a que se destina.

ESTRATÉGIAS DE COMPREENSÃO PARA O USO DE FORMAS DAS VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS NA SALA DE AULA

A gramática normativa não pode deixar de ser ensinada, mas o educador não poderá utilizá-la, como foco único da matéria de Língua Portuguesa. As propostas de língua materna terão de ser baseados nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), e estarem pautadas no domínio da leitura e da escrita, pois as escolas têm que ensinar aos alunos saberes linguísticos necessários aos exercícios da cidadania.

Importante e necessário é mostrar os diferentes usos da linguagem oral e escrita por indivíduos de classes sociais, idades, localização geográficas diferentes e comunidades de origem espacial diferenciada, como os falares dos imigrantes.

Os fenômenos linguísticos têm que ser reconhecidos pelos profissionais da educação, assim como precisa-se reconhecer o perfil sociolinguístico de seus alunos, que devem ser identificados. Dessa maneira, os conhecimentos sobre as variantes no interior das variações pode permitir que esses conhecimentos sejam aplicados à educação em língua materna, levando em conta o saber linguístico prévio dos aprendizes e que possibilite a ampliação de sua competência comunicativa, na construção de relações sociais permeadas pela linguagem cada vez mais democráticas e não discriminadoras.

O bom profissional nunca pode aceitar unicamente as formas dos livros de didática, da gramática, do dicionário... Para que seja considerado como um bom profissional, é preciso que reconheça as variedades e esteja disposto a notar o seu saber de acordo com a realidade do aluno que estuda.

Muitas vezes, esse profissional terá que realizar um trabalho a partir das palavras usadas nas gírias, que alguns adolescentes utilizam em seu vocabulário para que ele perceba que foi compreendido e valorizado, sempre que for preciso para que se possa estabelecer uma relação de interação entre professor e aluno e assim, haja respeito e motivação para o estudo.

Marcos Bagno, em seus livros, frisa bem o que é norma culta ou norma padrão:

A norma-padrão não faz parte da língua, isso é, não é uma das variedades linguísticas empiricamente observáveis no uso dos falantes em comunidade. Ela é um construto sociocultural, uma norma no sentido mais jurídico do termo, uma espécie de 'lei linguística' que prevê a condenação e a punição dos infratores. (BAGNO, 2007, p.98).

O docente tem que observar a estrutura sócio-cultural dos alunos, bem como sua posição diante da sociedade como um todo e da comunidade em que vive, particularmente, ainda observando a faixa etária, a organização e estrutura familiar e o espaço geográfico de onde ele se origina.

Na visão de Marcos Bagno, os professores têm que trabalhar com espaço e com os tempos escolares, em função de uma reeducação sociolinguística, para formar seres humanos conscientes.

[...] para formar cidadãos e cidadãos conscientes da complexidade da dinâmica social, conscientes das múltiplas escalas de valores que empregamos a todo o momento em nossas relações com as outras pessoas por meio da linguagem. (BAGNO, 2007 p.82).

Por meio da conscientização sobre a variação linguística, os alunos observam a formalidade de sua fala em cada aspecto, seja religioso, etário, geográfico, social e etc., percebendo as diferenças e semelhanças entre uma forma e outra.

Fazer com que o aluno reconheça que é possuidor de plena capacidade de expressão e de comunicação, pelo uso da língua formal e utilização da norma culta, levando a imaginar que sempre vai conseguir atingir o conhecimento pleno da Língua Portuguesa Oficial, estimula-os, mostrando sempre seus avanços em direção ao uso padrão e não acentuando o “erro” da variante que, de fato, não existe em si mesmo, mas somente em termos comparativos.

Vale lembrar que a escola é o lugar de interagir e formar pessoas, tornando-as cidadãos conscientes, através de sua interpretação e conhecimento de nossa sociedade atual, sem que haja preconceitos lingüísticos.

Obrigar o aluno a utilizar uma variação linguística que nem mesmo os

professores utilizam sempre, é certamente uma atitude errada. O que os professores podem fazer é motivá-los, ajudar os alunos para que eles desenvolvam suas capacidades e habilidades comunicativas, bem como mostrar para os alunos que eles podem utilizar a língua de uma maneira mais formal ou de outro jeito, menos formal, de acordo com a situação comunicativa, portanto informal no cotidiano, com a família e colegas e formal em situações que o obrigam a esse uso.

Segundo Bagno (2005, p.164), o falante também está sujeito a influências de pessoas com as quais convive. Por isso, muitas vezes, as pessoas que não utilizam a modalidade culta da língua em seus enunciados podem ser influenciadas a modificarem seus usos, no convívio com pessoas que usam a variante culta.

De acordo com a opinião de Bagno (2003, p. 38), a escola vai continuar ensinando a cultura letrada, a norma culta, ainda que muitas camadas da sociedade não a empreguem totalmente.

Para a autora Bortoni-Ricardo (2005, p.15) “a escola não pode ignorar as diferenças sociolinguísticas.” Ao fazer com que o aluno aprenda que existem outras maneiras de dizer a mesma coisa, e que essas alternativas têm intenções enunciativas e interlocutores diferentes, a escola está oferecendo aos alunos a possibilidade de adequarem-se a diversas situações sociais.

Para o autor Bagno ,

[...] é certo ensinar o aluno a escrever de acordo com a ortografia oficial, que é algo político e decretado em forma de lei, mas não se pode agir dessa forma com a linguagem oral, tentar fazer o aluno falar uma língua artificial, que não faz parte do seu cotidiano linguístico. (BAGNO, 2007(b), p.52).

Então, o linguista percebe que é muito importante ensinar a escrever de acordo com a ortografia oficial, mas não se pode fazer isto tentando criar na fala uma língua “artificial”, como se ela se tratasse de uma reprodução da escrita, e reprovar como “inadequadas” as pronúncias que não se enquadrem neste padrão.

Diferenças linguísticas podem ser compreendidas, mas algumas têm mais

deficiências de certa forma, suas características são às vezes naturais dentro de seu convívio familiar, e com isto, o professor tem que apresentar com as expressões feitas pelo aluno, fazendo com que percebam, sintam, reflitam de certa maneira, para que sua autoestima não seja afetada.

O docente precisa usar suas experiências, dando condições objetivas à aprendizagem do aluno e de sua trajetória sociais, sem ferir sua naturalidade.

Bagno, (2007, p.78), relata que é preciso “reconhecer que a escola é o lugar de interseção inevitável entre o saber erudito - científico e o senso comum, e que isso deve ser empregado em favor do/a estudante e da formação de sua cidadania.”

Assim, o papel do professor é crucial, sendo necessário investir na criação de espaços para o desenvolvimento e os exercícios de capacidade de expressão do aluno, para que ele reflita, dialogue sobre seu trabalho, aprendendo a estruturar e a contar o seu próprio saber e as suas experiências e formar o lógico, dos quais são passos importantes na construção de uma nova prática.

Abre-se a possibilidade de que o professor seja ouvido, tanto quanto o aluno como produtor de conhecimento, como autor de sua prática e possa, também refletir coletivamente sobre suas atuações na prática de um professor que se torne narrador, vencendo qualquer obstáculo sem que tenha perdas na sua dimensão humana, por perder de palavras e extensão social.

O professor não pode confundir erro de ortografia com variações linguísticas, pois a ortografia é artificial e a língua é natural. A ortografia é uma decisão política, imposta por decretos e pode mudar, de acordo com a época. Por outro lado, a língua se manifesta como um processo de adaptação do indivíduo, de acordo com sua cultura.

O professor de Língua Portuguesa tem que saber ensinar e respeitar o conhecimento intuitivo do aluno, sempre valorizando o conhecimento do mundo que é trazido com o educando e o “saber” de sua vida, reconhecendo que a língua utilizada por ele como sua própria identidade humana.

Cagliari (2007, p.41), diz que “o professor de português tem que ser um profissional competente, tem que conhecer profundamente a língua portuguesa.”

Ensinar é acrescentar e não eliminar, é levantar e não rebaixar a autoestima do aluno, incentivar o aluno, pois no ano seguinte ele vai acrescentar aos novos conceitos seu vocabulário e não modificá-lo.

O docente tem que mostrar aos educando que existem milhares de formas para que ele saiba as diferenças entre a fala e a escrita.

Para Bagno (2007, p.53), ensinar ao aluno que pode dizer “bunito” ou “bonito”, mas que só poderá escrever “bonito”, porque na língua escrita só existe aquela forma.

Como relata Cagliari (2007, p. 65), em uma sala de aula, frequentemente, há alunos de varias regiões e de várias comunidades, onde ocorrem várias pronuncias,é um espaço em que se dá uma enorme diversidade cultural.

E essa diversidade deve ser considerada pelo professor, o qual tratará com respeito e admiração a riqueza que é a diversidade de expressões da língua portuguesa no Brasil.

As escolas têm sim, que ensinar as formalidades da língua, no entanto nunca reprimir a fala dos alunos, pois as instituições de ensino são veículos eficientes de transmissão da língua – padrão.

O ensino de gramática ainda é predominante nas salas de aula e ainda nos vemos sob a ditadura da análise sintática, o qual parece bom método para aprender a língua, empregada no ensino fundamental e médio. Mas está provado e comprovado que não é necessário ensinar gramática para alunos dos primeiros anos de escolarização. Por isso, é muito importante ensiná-la aos alunos do ensino médio.

No entanto, fica a grande tarefa para o educador no ensino fundamental, que é a de letrar os alunos, pois sabemos que o mais importante não é que o aluno saiba somente o que é “advérbio” ou que é “substantivo”, se não consegue escrever um texto de dez linhas com coerência e coesão, se não consegue ler e interpretar, ou nem mesmo escrever o que pensa. Assim, ao concluir o ensino médio será que o aluno está preparado para ser inserido plenamente na sociedade letrada?

Percebemos que os conhecimentos da gramática normativa são muito importantes, mas isolados não garantem produções textuais adequadas. Também

não garantem que o aluno utilizará a norma culta em sua fala. A questão não está em ensinar a gramática normativa, mas em "como" ensinar.

Alguns gramáticos olham esta diversidade linguística com certa reserva e uma ameaça à integridade da língua portuguesa, da norma culta-padrão, enquanto alguns a veem como o declínio dos padrões educacionais, colaboradora de uma sociedade depressiva e desestruturada na própria língua. No entanto, essa concepção de língua parece problemática.

Segunda a visão de Bortoni-Ricardo (2005, p. 206) “[...] é na escola que a criança brasileira pobre vai começar a ter acesso a estilos diferentes de seu vernáculo e vai iniciar a tarefa de incorporar esses estilos ao seu repertório linguístico”.

Os educadores ao ensinarem a gramática normativa ao aluno do ensino médio podem utilizar vários materiais, mostrando aos alunos que trata-se de algo muito importante ao seu conhecimento sobre língua culta diante da sociedade.

Neste trabalho, dedicamo-nos a procurar algumas indicações de atividades para serem trabalhadas com os alunos em sala de aula, utilizando a gramática normativa, sem que se destrua a linguagem do educando. Observemos esta letra de música de Caetano Veloso:

Língua

Gosto de sentir a minha língua roçar a língua de Luís de Camões
 Gosto de ser e de estar
 E quero me dedicar a criar confusões de prosódia
 E uma profusão de paródias
 Que encurtem dores
 E furem cores como camaleões
 Gosto do Pessoa na pessoa
 Da rosa no Rosa
 E sei que a poesia está para a prosa
 Assim como o amor está para a amizade
 E quem há de negar que esta lhe é superior?
 E deixe os Portugais morrerem à míngua
 " Minha pátria é minha língua "
 Fala Mangueira! Fala!
 [...] (Caetano Veloso)

A música do cantor e compositor Caetano Veloso explica poeticamente nossa língua, de maneira alegre, por meio da qual o educador pode estar mostrando em vídeos os verbetes dos vocábulos que se reportam as construções

metalinguísticas, bem como às figuras de linguagem.

Assim, explicando o que é prosódia, podem ser feitas pesquisas sobre confusões de prosódia, uma maneira divertida de atrair a atenção dos educandos para o estudo e a pesquisa da própria língua. O mesmo trabalho pode ser feito em relação à paródia.

Uma outra atividade a ser proposta é que os alunos pesquisem sobre a origem da língua portuguesa e, ainda sobre sua história e percurso, montando um livrinho com imagens coladas e escritas fáceis que mostrem como ela evoluiu ao longo do tempo.

Nas escolas, difere bastante a linguagem que o aluno traz de seu ambiente social, que às vezes faz com que ele acredite que não sabe o português, e que é uma língua difícil e complexa.

Segundo Marcos Bagno (2001, p. 40), o 'falar errado' pode criar uma baixa autoestima linguística, pois "os brasileiros em geral têm vergonha ou medo de falar e de escrever em situações uns pouco mais formais porque acreditam que a língua que eles realmente conhecem não 'serve' para essas situações".

Mas falar ou escrever bem não consiste unicamente em aplicar as regras gramaticais da língua portuguesa, e sim trata-se de saber produzir os efeitos de sentido pretendidos nas adequadas situações de comunicação em que o indivíduo se coloque.

O educador tem que lembrar sempre que cada indivíduo possui uma gramática natural que lhe permite comunicar-se coerentemente. Ele deve perceber que as crianças, mesmo antes de serem alfabetizadas, já são capazes de construir enunciados coerentes e efetivos. Ao ensinar a norma culta aos alunos de camadas desprivilegiadas deve ter por objetivo proporcionar-lhes o acesso à norma culta, a qual será adequada em algumas situações pelas quais a maioria das pessoas passam como: vestibular, entrevista para um emprego, etc. Assim, é capaz de tornar o aluno livre ao saber escolher dentre as várias maneiras de comunicações linguísticas qual deve usar em diferentes situações.

Para Bagno (2007, p.124), existem várias maneiras de demonstrar para o educando que existe esta variação linguística, por exemplo, trabalhando com as variedades linguísticas autênticas: o professor pode pedir para os alunos fazer

documentários ou entrevistas com algumas pessoas que tenham diferentes sotaques, várias faixas etárias, até mesmo outras religiões, etc., podendo deixar que o aluno perceba a diversidade existente na língua portuguesa.

Ao estar em contato constante com diversas variedades, inclusive a padrão, o aprendiz tem diante de si formas linguísticas à sua escolha, para qualquer contexto ou situação, pois a educação linguística deve ser uma constante preocupação do professor de língua, principalmente frente a essa forte influência dos meios de comunicação de massa.

Aceitar a linguagem que o aluno traz de seu meio social não quer dizer que não se deve ensinar a norma padrão da língua. Ao contrário, significa ensinar e deixar que o aluno seja livre para usar, na fala, a norma que melhor se adequar a cada situação. Assim, deve-se ensinar a norma padrão, mas ensinar a norma padrão é diferente de ensinar a gramática tradicional. O professor deve manter o aluno em contato permanente e intenso com textos falados e escritos para que ele possa utilizar-se desses recursos.

Essas diferenças entre as falas de certos alunos e a norma culta levam esses alunos a acreditarem que não sabem o português e que esta é uma língua difícil. Isto é um “mito”, pois a língua portuguesa ensinada na escola difere bastante da linguagem que o aluno traz de seu ambiente social, mas não significa que seja difícil, e sim apenas uma maneira diferente de se expressar em língua portuguesa.

A abordagem em sala de aula sobre a existência da diversidade linguística é muito importante, pois nem sempre o professor de língua portuguesa utiliza a língua culta, porque possui uma influência do meio ou da comunidade em que se formou. Isso constitui sério empecilho para que esse educador ofereça aos seus orientandos a oportunidade de conhecerem a norma culta, uma vez que ele não é capaz de utilizá-la. Mas não impede que ensine gramática na escola.

Língua falada e escrita não são a mesma coisa. A língua escrita não é a transcrição de uma fala, mas procura representar as idéias e quando representa a fala, precisa de indicações de vários tipos, como os recursos de pontuação, paragrafação, indicações explícitas de fala, etc., e, quando isso não acontece, o leitor é obrigado a reler o texto, para que possa estabelecer coerência.

No entanto, certos educadores ainda pensam em obrigar o educando a utilizar a língua culta em situações de sala de aula, mas podem estar cometendo um sério engano. Ao contrário, é preciso ensinar aos alunos a gramática padrão, oferecendo a eles a oportunidade de contato com diferentes formas e variações, uma vez que caberá a ele fazer uso de forma oral.

O educador pode motivar os alunos e ajudar até mesmo a criar situações em que eles possam desenvolver as capacidades e habilidades comunicativas, bem como mostrar a ele que pode utilizar a língua de uma maneira mais convencional aproximando o educando da norma culta, sem que destrua sua identidade linguística.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final deste trabalho, percebemos que as variações linguística já estão nos costumes de todos os falantes, desde o surgimento da Língua Portuguesa ao Brasil. É fundamental lembrar que não existe nenhuma língua homogênea. Qualquer língua é sempre diversificada e heterogênea. A Língua portuguesa falada não é diferente, vive em constante mudança, pois algumas palavras desapareceram, ou seja, seu uso é desnecessário, ou foram substituídas por outras mais fáceis de serem usadas. Por outro lado, outras palavras foram surgindo de acordo com as necessidades de nomear o que ainda não tinha nome ou porque grupos de falantes passaram a usar de forma recorrente, e com elas vem a variações linguísticas, além de certas maneiras de falar que fogem ou não obedecem a norma padrão.

A partir dos elementos e argumentos que foram discutidos neste trabalho, fica claro que muitos e diferentes autores observaram que existe a variação linguística e que ela se apresenta em meio à sociedade, como uma forma de expressão que é usada por todos, independente do seu nível de escolaridade, do sexo e da cultura social dos indivíduos.

No Brasil, a Língua Portuguesa é a língua oficial, mas tem uma enorme diversidade linguística, que não se mostra somente pelo fato do país possuir grande extensão territorial (embora isso influencie também), mas sim, por ter acolhido uma enorme imigração, inserida em diferentes períodos históricos na sociedade brasileira, por diferentes motivos, gerando diversas culturas, costumes, classes, etc.

Com Bagno, descobrimos que não existe língua “certa” ou “errada”, o que existe é uma enorme variação linguística, onde há um modo de pronúncia diversificada ou afastada da norma padrão, a qual não pode ser considerada como uma deficiência, ao ponto de renegar o falante a um patamar inferior a outro. A língua, de modo óbvio, não é só diversidade. Há fatores que contribuem para que certas variedades tenham ampla circulação social, ultrapassando em

muito os limites da vida cotidiana. O autor ainda deixa claro que não existe uma língua difícil ou complicada, o que existe é a língua materna, e que cada um a utiliza de acordo com que aprendeu e vem aprendendo desde sua infância, no interior da comunidade de falantes dessa língua.

O uso da variação linguística remete ao preconceito linguístico, provocado pela própria sociedade, que se manifesta contra o falante por meio de correções, brincadeiras, deboches, considerando muitas vezes que o falante "não sabe falar" e este preconceito não é sustentação científica, mas é suportado por meio de uma comparação que é estabelecida por uma norma convencionada, consolidada pelas elites culturais como sendo "mais adequada" em detrimento de uma outra, usada pelo falante, que seria "menos adequada". Essa diferença é sustentada pela tradição das elites culturais e pelas instituições sociais, que institucionalizaram um "falar melhor", cujos preceitos e receitas são passados de geração a geração. Estes conceitos, no entanto, não consideram os fenômenos linguísticos, ou sejam ignoram os aspectos diacrônicos que envolvem as mudanças nas línguas.

O preconceito que influencia a sociedade pode ser visto de diversas maneiras, tais como, social, cultural e econômico. Isso não quer dizer que não ocorram preconceitos linguísticos dentro de uma mesma classe social, embora a grande maioria acredite que usar variantes desprestigiadas é uma prática exclusiva das classes de baixo nível social, e ainda, caipiras e analfabetos.

Algumas pessoas também acreditam que os livros didáticos e os dicionários são os únicos instrumentos que possuem as regras adequadas que devem ser lidas e pronunciadas, para que se possa falar corretamente. Isso significa destruir toda a sua experiência de língua falada que se adquiriu na infância, na comunidade. Não percebem ou não sabem que elas também cometem muitos "desvios", às vezes bem distantes da norma padrão, mas para elas são simplesmente deslizes ou descuidos, pois consideram que sabem dizer somente dentro da norma culta.

Sendo na verdade, um fato é que toda a sociedade de modo geral utiliza a variação linguística de uma forma ou outra, seja no seu convívio familiar e vários outros meios sociais, sendo eles os dialetos, os socioletos, os

cronoletos, os etnoletos e os idioletos etc., lembrando que cada comunidade comunica de acordo com suas necessidades, de tal maneira que possam fazer-se compreender no processo de comunicação, desde a variante falada possibilitem a compreensão entre os indivíduos, é isto que importa na língua falada.

Já foi visto que a variação não implica em desorganização das palavras nem das expressões na cadeia sintática, por isso, quando fala em variações linguísticas, o autor Bagno, refere-se às diferenças regionais, sociais, culturais etc., deixando em evidência que não há qualquer tipo de desordem gramatical, como: (casa **a**) < (**a** casa), pois sabemos que o artigo definido é sempre antes do substantivo.

Destacam-se os papéis dos professores de língua portuguesa no trabalho com as variações linguísticas, assim como as necessidades de explicar para os alunos o que são, de fato, essas variações e o que significa um "erro" de português, sem que destrua seu conhecimento ou costume, pois este trabalho traz atividades e explicações de "como" os educadores podem expor para os alunos, o que e variação é porque ocorre na língua.

Enfim, os professores têm que se adequar as variadas formas de linguagens e de língua tanto falada quanto escrita, para que os alunos possam identificar os valores culturais, colocando em uso as palavras e suas diferenças como valores culturais e que podem sempre modificar seus usos, para que possam se aproximar de uma fala mais formal do que a que eles utilizam.

Com Bagno e os outros críticos utilizados neste trabalho, percebe-se que as pessoas podem adaptar as suas falas, de acordo com o ambiente e a situação em que se encontram não falando sempre da mesma forma, em todas as ocasiões. De acordo com os motivos do título deste trabalho "Variação Linguística", podendo dizer que as pessoas apenas falam "diferente", conseguindo transmitir as mensagens, sendo mais importante, realmente, a compreensão e a transmissão ao receptor.

Com isso, fica claro que todos falantes se expressam adequadamente, mesmo que seja de formas diferentes, cada um utilizando a variante que lhe é possível usar ou a que seja mais adequada à situação de comunicação, no caso de dominar mais de uma variante linguística.

O uso da norma culta ou da norma desprestigiada oscila tantas vezes, pois não dá para usar somente uma das variantes na comunicação, pois existem diferenças de um indivíduo ao outro, mesmo entre aqueles que têm o mesmo acesso à educação.

Infelizmente, a escola, principalmente, os professores, tem que ampliar seus conhecimentos a respeito das variedades linguísticas. Isso já vem sendo trabalhado em muitas escolas, as quais procuram oferecer condições de comunicação igualitária entre os diferentes alunos, oriundos de camadas sociais diferenciadas ou de grupos minoritários que não tem contato com a norma culta. No entanto, sempre é possível avançar em termos de produção da igualdade social e o respeito pela fala do "outro" está inclusa entre essa luta pela igualdade social e a conquista da cidadania.

Na verdade, a maioria da população brasileira fala o português não padrão, tornando dominante um fato que antes era considerada um "erro", mas hoje já são explicados nos livros didáticos, as variações linguísticas que trazem a fala do povo e não somente as regras feitas por convenção, sem observar a população.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, Marcos.. **Língua Materna letramento, variação & ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

_____. **A norma oculta: língua & poder na sociedade brasileira**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

_____. **A língua de Eulália (novela sociolinguística)**. São Paulo: Contexto, 2005.

_____. **Preconceito Linguístico: o que é como se faz**. 49. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007 (a).

_____. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola, 2007(b).

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegemos na escola, e agora? Sociolinguística e educação**. São Paulo: Parábola, 2005.

_____. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola, 2004.

BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. **Introdução á análise do discurso**. 2ª ed. Ver. Campinas, Sp: Editora da Unicamp, 2004.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais (Pcns): Ensino Fundamental. Língua Portuguesa / Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. – 3. Ed. Brasília: Mec /SEF, 1997.a**

_____. **Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais**/Secretaria de Educação Fundamental (Ensino de primeira a quarta série). Brasília: MEC/SEF, 1997.b

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais (Pcns): terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental (5ª a 8ª séries): Língua Portuguesa / Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. – 3. Ed. Brasília: Mec /SEF, 1998(a).**

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Linguística**. 10. ed. São Paulo: Scipione, 2007.

CARVALHO, Dolores Garcia; NASCIMENTO Manoel. **Gramática histórica**. Ática São Paulo: 1969.

CEREJA, William. **Português 1. Linguagens**. 6. ed., São Paulo: Atual, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

ILARI, Rodolfo. **A linguística e o ensino da língua portuguesa**. 4. ed. São Paulo: 1997.

LOBATO, Monteiro. **Urupês**. São Paulo: Brasiliense, 1946.

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas: Associação de Leitura do Brasil (ALB)/Mercado de Letras, 2006.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. 27. ed.. Charles Bally, Albert Sechehaye (org); col. Albert Riedlinger; pref. Isaac Nicolau Salum; trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blinkstein São Paulo: Cultrix, 2006.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix/EDUSP, 1969.

TERRA, Ernani. **Linguagem, língua e fala**. São Paulo: Spcipione, 1997.

SITES CONSULTADOS

BAGNO, Marcos. **Precisamos letrar os professores**. Disponível em: <http://marcosbagno.com.br/site/?page_id=196>. Acesso em: 17 abr. 2011 às 11h 55 min

_____. **Preconceito linguístico**. Em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Preconceito_lingu%C3%ADstico#Varia.C3.A7.C3.A3o_lingu.C3.Adstica_e_preconceito](http://pt.wikipedia.org/wiki/Preconceito_lingu%C3%ADstico#Varia%C3%A7%C3%A3o_lingu%C3%ADstica_e_preconceito)>. Acesso em: 18 abr.11 às 00h05min

Balaio da noticia - Webjornal - Quinzenal - Edição 53 - Aracaju, 11 a 25 de abril de 2004. Disponível em: < <http://www.sergipe.com.br/balaiodenoticias/linguistica.htm>>. Acesso em: 18 abr. 11 às 00h13min

BAGNO, M.. **Variação linguística e preconceito linguístico: sociolinguística, origem e definição**. Blog do Miguel. Disponível em: <<http://blog.cybershark.net/miguel/2009/02/10/variacao-linguistica-e-preconceito-linguistico-sociolinguistica-origem-e-definicao/>>. acesso em: 18 abr.11 às 00h21min.

Portal de são Francisco - **Aula de Português**. Disponível em: <<http://www.portal.saofrancisco.com.br/alfa/carlos-drumond/aula-de-portugues.php>> acesso em: 18 abr.11 às 01h23min

SOUSA, Maurício. **Quadrinhos Chico Bento**—Edições de lançamento. Disponível em: <<http://ebooksgratis.com.br/quadrinhos/quadrinhos-chico-bento-edicoes-de-lancamento-01-02-e-03/#ixzz1XZi15eO4>> acesso em: 10 set.2011 às 14h25min.

CAMARGO, Regina Célia. **Alfabetizando**. Disponível em <<http://reginapironatto.blogspot.com/2008/04/chico-bento-das-histrias-em-quadrinhos.html>> acesso em: 10 set. 2011 às 14h23min

TERRA. **Letras de músicas**. Disponível em: < <http://letras.terra.com.br/ado-niran-barbosa/43969/>> acesso em: 02/11/2011 às 14h30min.

_____. **Letras de músicas**. Disponível em: <<http://letras.terra.com.br/paulo-vanzolini/474037/>> acesso em: 02/11/2011 às 16h54min

UOL. **Educação**. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/>> acesso em: 21/09/11 às 12h22min.

